

## Associação Nacional de História – ANPUH

### XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

#### O progresso chega ao sertão: disciplinarização e higienização nas páginas de *A Violeta* (1937-1945)

Carlos Alexandre Barros Trubiliano\*

#### Resumo

A presente comunicação tem como finalidade apresentar algumas reflexões sobre as configurações identitárias femininas construídas na revista cuiabana de variedades, *A Violeta*, durante o Estado Novo. O periódico, de expressiva circulação em Mato Grosso, foi “a voz” do Grêmio Literário Feminino, Júlia Lopes de Almeida, instituição de grande importância na vida literária e intelectual da capital e do Estado. Nosso objetivo é discutir as imagens idealizadas, apresentada nas páginas da revista, para as mulheres – boa esposa, virtuosa mãe e dedicada dona-de-casa, sendo as mesmas entendidas como parte do projeto estadonovista de ordenação e civilização para Mato Grosso.

**Palavras-chave:** Imprensa – Mulher - identidade

#### Abstract

The present communication has as purpose to present some reflections on the constructed feminine identitárias configurations in the cuiabana magazine of varieties, the Violet, during the New State. The periodic one, of expressiva circulation in Mato Grosso, was “the voice” of the Feminine Literary Bosom, Júlia Lopes de Almeida, institution of great importance in the literary and intellectual life of the capital and the State. Our objective is to argue the idealized images, presented in the pages of the magazine, for the women - good wife, virtuoso mother and dedicated owner-of-house, being the same ones understood as part of the estadonovista project of ordinance and civilization for Mato Grosso.

**Keywords:** The press - Woman - identity

Discutir periódicos femininos como *A Violeta* é pensar sobre as configurações identitárias femininas construídas na imprensa do século XX, essas podem ser entendidas como produtos de convenções e estruturas de legitimação socialmente construídas e historicamente localizadas e que não apenas refletem as visões de mundo dos agentes envolvidos em sua construção, mas também contribuíram para a construção das identidades e da memória social da época.

Deste modo, *A Violeta*<sup>1</sup> que se configura como periódico de variedades que circulou em Cuiabá, no interior Estado de Mato Grosso, bem como por algumas localidades

---

\* Mestrando em História pela UFGD/ Bolsista da FUNDECT

<sup>1</sup> É importante avisar o leitor que a nossa leitura de *A Violeta* irá de 1937 a 1945, momento em que a revista desenvolve fortes ligações com o regime estadonovista. Embora muitas vezes nos utilizemos de outros números cuja data fique fora do recorte temporal proposto.

do Brasil, durante a primeira metade do século XX, entre 1916 a 1950<sup>2</sup>, e que fora, criado e mantido por uma associação literária feminina, o Grêmio Júlia Lopes de Almeida<sup>3</sup>, instituição de grande influência na vida literária e intelectual da capital e do Estado durante o mesmo período, se torna uma importante fonte para entendermos o padrão idealizado de família e de mulher instituído em Mato Grosso durante o Estado Novo.

A *Violeta* já no seu primeiro número, em 16 de dezembro de 1916, sendo, portanto apenas há 20 dias após a criação do Grêmio Júlia Lopes de Almeida, tem na sua primeira página, a apresentação do objetivo da Revista: “*o escrínio singelo que encerrará em cada uma das suas páginas os nossos primeiros ensaios na vida jornalística (...) a todas que conosco quiserem colaborar para o engrandecimento moral da nossa estremecida terra*”<sup>4</sup>, deste modo o periódico se apresenta como um espaço para as escritoras iniciarem-se na profissão, na mesma medida que também liga-se profundamente ao objetivo de “*engrandecer moralmente a estremecida terra*”.

Segundo Yasmim Nadaf a iniciativa da criação do Grêmio e da Revista, surgiu a partir de um grupo de estudantes normalistas, da “*Escola Normal de Mato Grosso*”, em Cuiabá. Essas estudantes, ligadas a algumas senhoras e senhoritas das elites cuiabana, desejavam “*cultivar as letras femininas e patricias*”<sup>5</sup>. Portanto, já em sua fundação, A *Violeta* e o Grêmio ligava-se a sua existência ao público leitor feminino e escolar, além de uma parcela também feminina da sociedade cuiabana que quisesse (ou tivesse condição) de *cultivar as letras*.

Inicialmente, a proposta de circulação de *A violeta* foi bimensal, mas com o decorrer do tempo oscilou para a mensal, e posteriormente à circulação de um número a cada quinzena, sendo definido a partir de 1920, pela circulação mensal, havendo desde aí dois números referentes ao mesmo mês somente nos casos de falhas de produção em algum mês anterior.<sup>6</sup>

---

<sup>2</sup> O Grêmio foi criado em 26 de novembro de 1916 e o primeiro número de *A Violeta* foi publicado em 16 de dezembro do mesmo ano, em Cuiabá. *A Violeta* 31/05/1935. p. 2-5.

<sup>3</sup> Júlia Lopes de Almeida (1862-1934), escritora e feminista, nasceu no Rio de Janeiro. Descendente de portugueses, que se estabeleceram no Rio de Janeiro, onde Júlia aprende a ler com a mãe. Quando a família mudou-se para São Paulo, ela deu início à carreira literária. Escrevia constantemente matérias para diversos jornais, partindo de um ponto de vista crítico condenava, entre outras coisas, a escravidão, a violência sexual contra a mulher, negação do voto à mulher e a supremacia masculina. Foi atuante na defesa de seu ponto de vista, chegando a publicar diversos livros (O livro das noivas, 1896; livro das Donas e Donzelas, 1906; entre tantos outros.).

<sup>4</sup> NADAF, Yasmim Jamil. **Sob o signo de uma flor. Estudo da Revista A Violeta, publicação do Grêmio “Júlia Lopes” – 1916 a 1950**. RJ: Sette Letras, 1993. p. 23.

<sup>5</sup> NADAF, Yasmim Jamil. op.cit., p. 23.

<sup>6</sup> A periodicidade de publicação da revista irá variar nas décadas de 1930-1940, havendo números trimestrais e meses que tiveram mais de um número. Mais dados sobre a periodicidade das publicações da revista ver em: NADAF, Yasmim Jamil, op.cit.

É interessante observarmos a forma material de *A Violeta* em seu pequeno formato de brochura, 15x 23cm, em muito se assemelha a um caderno escolar, livro de lições ou ainda a um diário íntimo, de uso muito comum das moças da época, em alguns dos quais elas não raro registravam poesias, provérbios e máximas de sua autoria ou de seus autores de preferência, escritos que podemos também encontrar nas páginas da revista.

Outro elemento importante a ser observado são as capas, que via de regra, publicava fotos de autoridades e personalidades ilustres estaduais e nacionais, em ocasião de datas cívicas que se remetessem aos cargos exercidos pelas mesmas, em ocasião de suas visitas a Mato Grosso ou também de seus aniversários. Além desta configuração, mas funcionando no mesmo sentido instrutivo, útil e oficial, mostrava-se também a ilustração de localidades públicas, como as igrejas, escolas, biblioteca e praças.

A Revista sem diagramação sofisticada, em seu formato e apresentação, é capaz de revelar a significação do novo papel da mulher, não mais restrito à esfera privada do lar, da intimidade familiar e conjugal, mas associado à esfera pública da sociedade. Contudo, é importante observar que nas páginas de *A Violeta* esses novos espaços de atuação feminina não irão desassociar as mulheres das tarefas socialmente designadas elas que é o elevado ideal de obediente filha, dedicada esposa e virtuosa mãe como nos indica *Julia Lopes de Almeida*:

*“Não sei que haja, para uma mulher de coração, prazer comparável ao de criar seus filhos! Eu confesso, sinto um grande desvanecimento e um Íntimo orgulho quando olho para o meu filho, criança robusta, que espalha por toda a casa o seu riso; e para a minha filhinha, que tem ainda o olhar dos que principiam apenas a vier (...) Não há mais nada encantador do que acompanhar o desenvolvimento de uma criança; e só a mãe pode seguir com atenção desde que crie, o desabrochar da inteligência e dos sentimentos de um filho (...) Ser mãe não é fácil, desde que a gente queira ser – como deve ser.”<sup>7</sup>*

Outro aspecto importante na estrutura das edições da revista é sua abertura que começa com uma *Chronica* que irá abordar os mais diversos assuntos, desde comportamento até a reivindicações de construção de obras publicas, como a construção da estrada de ferro a Cuiabá:

*“Quem quer que haja tido ocasião de acompanhar-me, durante êstes quási cinco lustros em que modestamente, mas com fé inabalável, venho mantendo um combate a favor da estrada de ferro a Cuiabá (...) Mato Grosso não pode ficar afastado da Capital do País, relegado ao desamparo”.<sup>8</sup>*

<sup>7</sup> *A Violeta*. Cuiabá. Maio de 1941.p. 11.

<sup>8</sup> *A Violeta*. Cuiabá. Maio de 1941.p.1

E o seu fechamento que se dá com a seção *Noticiário*, esta cumpre o roteiro fixo de relatar os acontecimentos sociais da capital e do Estado, tais como casamentos, visitas ilustres a Mato Grosso, viagens de personalidades das elites estadual, aniversários, nascimentos e notas de falecimentos entre outros acontecimentos:

*“A Festa à Bandeira*

*O dia 19 do corrente, em que se comemora à Bandeira Nacional foi brilhantemente festejada nesta Capital.*

*Além das comemorações escolares, do hasteamento do Pavilhão Nacional, solenemente nas repartições públicas, o 16º B.C., do qual é digno o comandante o Snr. Tte. Cel Eudoro de Arruda e Sá, promoveu uma sessão solene na Praça Alencastro. Que teve o concurso do Exmo Snr. Interventor Federal, de Altas Autoridades, da N.P.O.R. do E.I.M. 176 do Liceu Salesiano. “<sup>9</sup>*

É significativa essa estruturação, uma vez que a vida real aparece tematizada na abertura e fechamento de cada número, isto se pensarmos a disposição espacial entre a *Chronica* e o *Noticiário*, haja vista que enquanto a *Chronica* vai tematizar reivindicações de progresso, o *Noticiário* vai “descrever” o cotidiano civilizado no sertão. Entre o intervalo de espaço entre essas duas seções a variedade é grande tendo destaque as Seções.

Não houve rigor no estabelecimento de Seções fixas em *A Violeta*, como a “Crônica” e o “Noticiário”. Entretanto, durante 1937 -1945, podemos constatar a continuidade, o surgimento e o desaparecimento de alguns títulos, em grande parte eram artigos de entretenimento, eles surgiram em determinado exemplar da revista e permaneceram temporariamente, alguns sucessivamente, outros mais esporadicamente. Dentre as seções que foram editadas durante o Estado Novo foram a:

Seção “Perfil” - que surgiu já na revista numero 3 em janeiro de 1917 e ira durar até agosto de 1941, essa seção ira trazer a descrição de um perfil anônimo de um cuiabano ou cuiabana para ser desvendado pelo leitor<sup>10</sup>:

*“Convidada a colaborar n’a A Violeta (...) procurarei se fiel e clara na minha descrição (...) descrevendo o perfil de minha escolhida, a distinta senhorita: C.M.B. É uma creatura adorável, dotada de muitos atrativos e de uma perceptibilidade admirável (...) Tem uns olhos escuros e grandes aos quais superpõem umas sobranceiras finas e arqueadas, dando uma expressão carinhosa e meiga ao seu olhar (...) Simples nos seus modos, traja sempre com singeleza, dispensando os adornos e enfeites, da moda, por serem desnecessário para completar sua elegância e distinção. Despida de vaidades e preconceitos, tem um espírito elevado, não desfazendo de quem quer que seja (...) É bôa e caritativa, e por isso mesmo muito estimada.(...)”*

<sup>9</sup> A Violeta. Cuiabá 30/11/ 1943.p17.

<sup>10</sup> NADAF, Yasmim Jamil. op.cit., p. 32

*Não há quem a conheça que não fique sua admiradora. Atenciosa e gentil, recebe sempre as amiguinhas com seu sorriso encantador<sup>11</sup>.*

*América Paes de Barros.”*

Diante deste exemplo a seção “perfil” trazia os modelos de conduta a época para homens, mulheres, rapazes e, sobretudo, as moças que assim como a senhorita C.M.B. deveria ter como qualidades ser carinhosa, bondosa e caritativa para com o próximo, além de se comportar com elegância e distinção perante a sociedade.

E a seção “Correspondência de D. Marta”<sup>12</sup>, que irá surgir a partir de agosto de 1918 e durando até 1940. Esta seção irá editar as cartas ficcionais da velha Marta dirigido-se sempre às leitoras como “*Minhas Amiguinhas*”, com tom professoral em alguns momentos dava conselhos às “*amáveis leitoras*” em outros fazia reivindicações de progresso para Mato Grosso,<sup>13</sup> como segue no trecho retirado de uma correspondência:

Caras amiguinhas

*“Nesta correspondência pretendo referir me ao assumpto magno que me prende a atenção presentemente; aquelle que se encerra nessa phrase que se tornou vulgar, graças a sua alta significação para os interesses da Pátria – Rumo ao Oeste! (...) É brado, intelligente e enérgico de quem comprehende o que é o Brasil (...) Pois foi comprehendido pelo S. Excia. o Snr. Dr. Getulio Vargas, illustre filho do Sul (...) Rumo ao Oeste na representação verdadeira da sã política do Paiz, com a escolha de illustres filhos desta nossa terra – D. Aquino, General Eurico Dutra, Capitão Filinto Müller, General Rondon para nobres e importantes missões; Rumo ao Oeste na defesa da saúde publica, no traçado das estradas, na construção de prédios na incentivação da agricultura e, por ultimo, coroando toda a sua benemerência pelo nosso Estado, a sua visita a esta Capital”<sup>14</sup>.*

Em consonância com o discurso do Regime a correspondência de D. Marta, editada na ocasião da visita do presidente Vargas a Mato Grosso em 1938, também se traduzia no ideário da Marcha para Oeste, a imagem do progresso em Marcha, sendo conduzido pelo grande líder da nação e os novos bandeirantes, illustres filhos da terra que juntos seriam responsáveis pela pacificação e civilização do bravo sertão mato-grossense.

Entre as seções foram publicados alguns textos de renomados escritores da literatura universal e brasileira tais como o de Rui Barbosa “*5 de novembro – Dia da cultura*”<sup>15</sup>, publicado em novembro de 1943, como parte das homenagens ao dia da proclamação da Republica, e sonetos de Olavo Bilac como “*Último Carnaval*”<sup>16</sup>, publicada

<sup>11</sup> Seção Perfil – A Violeta, Cuiabá. Agosto de 1941. p.13

<sup>12</sup> Segundo, Yasmim Jamil Nadaf *D. Marta* foi um personagem criado por Maria Dipina Lobo, a verdadeira autora das cartas.

<sup>13</sup> NADAF, Yasmim Jamil. op.cit., p. 33

<sup>14</sup> Seção Correspondência de D. Marta – A Violeta, Cuiabá. outubro de 1938. p. 08-09.

<sup>15</sup> A Violeta. Cuiabá. Novembro de 1943.p. 13.

<sup>16</sup> A Violeta. Cuiabá. fevereiro de 1940.p. 09.

em fevereiro de 1940, que retratava a vida e morte de “herói folião” e “*Benedicite*”<sup>17</sup>, publicado em janeiro de 1941, louvando o inventor do fogo do canto e da esperança, estes textos compunham uma pequena amostra de seleção e intenção de formação de gosto pela revista.

Ainda, neste sentido, podemos destacar os escritos de Victor Hugo, cujos recortes em suas obras procuram ressaltar o exemplar, tal como no texto “*A Mulher*”<sup>18</sup>, onde, o autor descreve as qualidades naturais inerentes ao feminino, portanto sendo “*A mulher um ser delicado, sublime, sensitivo; quando chega a maternidade é o ser por excelência de amor e de justiça(..) a mulher se faz benéfica, a mulher se faz digna sendo mãe*”. Deste modo, A Violeta endossa as ditas características essências femininas como delicadeza e a sensibilidade, valores idealizados para as mulheres, cuja seu único, benéfico e digno é papel o de ser mãe.

Interessante observarmos a existência de algumas ambigüidades dentro da revista, sendo possível conter no mesmo exemplar da *A Violeta* o texto “*A Mulher*” de Victor Hugo, encontrarmos textos como:

*[as meninas] “Responsáveis pelas formação física, moral e espiritual das novas gerações das quais elas serão mãis e educadoras, estarão elas, com o curso ginásial apenas, aptas para o desempenho da sua mais nobre missão? (...) Muito digno de louvores é o interesse pelo desenvolvimento intelectual que confere o curso secundário ginásial.*

*Mas, nem, sempre pode chegar até esse ponto a educação da mulher. Umas, em casa, aprendem o necessário para não serem de todo inexperientes na vida.*

*Outras têm, como pendor natural, o instinto da educação doméstica.*

***Mas, serão todas assim?***

*Não serei eu a única a pensar, com interesse, neste problema do qual depende in totum a nossa formação social.*

*Pensar não é bastatne; presisamos de agir.”*<sup>19</sup>

Essa crônica de Maria Dimpina<sup>20</sup>, que reivindica e conclama os leitores a lutarem para a ampliação da educação feminina, destoa do discurso de Vitor Hugo, uma vez que o autor vê o papel da mulher na sociedade sendo único e exclusivamente o materno, já a autora põem em duvida essa limitação “*mas serão todas assim?*”, essa indagação rompe com o lugar da mulher, tradicionalmente reclusa no domestico. Talvez a reivindicação de Dimpina não

<sup>17</sup> A Violeta. Cuiabá. janeiro de 1941.p. 10.

<sup>18</sup> A Violeta. Cuiabá. agosto de 1941.p. 09.

<sup>19</sup> A Violeta. Cuiabá. agosto de 1941.p. 01 (grifo nosso)

<sup>20</sup> Maria Dimpina Lobo, bacharelou-se em Ciências e Letras pelo Liceu Cuiabano (1909). Exerceu magistério na Escola Modelo “Barão de Melgaço” e no Colégio Particular “São Luiz”, do qual foi fundadora e diretora. Ingressou no funcionalismo federal através de concurso para postalista dos Correios e Telégrafos. Foi à primeira mulher funcionária pública de Mato Grosso, uma das fundadoras do Grêmio Literário “Júlia Lopes”, da Escola Doméstica “Dona Júlia Lopes de Almeida” e da Federação Matogrossense pelo Progresso Feminino. Em 1955 editou o livro “*Folhas Soltas*” que reúne alguns dos seus escritos publicados na imprensa. Dados obtidos em: NADAF, Yasmim Jamil. op.cit., p. 59-60.

seja apenas para a possibilidade de acesso feminino a educação, mas para a ampliação dos espaços de atuação das mulheres na sociedade.

Tão surpreendente quanto a interrogação de Dimpina é o artigo *A educação antiga e moderna da mulher brasileira* assinado por Raymunda Socci:

*“A história da mulher no mundo é conhecida e muito se tem escrito sobre ela, desde a escravidão até o grau de aperfeiçoamento a quase soberania social a que chegou no centros cultos.*

*Na antiguidade era a serva submissa, a mártir a “coisa possuída”, a sua ocupação social, restringia-se ai trabalho caseiro e a sua função aliás divina, à maternidade.(...)*

*A Mulher, segundo a rotina antiga por educação ou por indole, vivia numa apatia cruel, ignorando tudo, restringindo a sua liberdade, desconhecendo os seus direitos, confiando cegamente nos pais, irmãos e maridos(...)*

*Mas hoje elas se emanciparam, educaram o seu espirito e quando tocadas pelas necessidades ocasionais denotam rara energia, sabedoria econômica admirável, verdadeiras estadistas de suas famílias. (...)*

*Brasileiras, a vossa liberdade estará assegurada, quando a vossa ação econômica, educadora, intelectual e moral se tornar energia real no meio pátrio, porque há quem considere o trabalho feminino uma diminuição. É um grande erro, vos afirmo, pois quantas infelicitades a mulher pode evitar quanto tem uma profissão! Não espereis mais.”<sup>21</sup>*

A autora que teve reservado para seu artigo três páginas, algo incomum nas edições da revista, ira transmitir a todos leitores de *A violeta* reivindicações de liberdade, educação e respeito, declarando a emancipação feminina do exclusivo julgo do lar, destoando desta forma dos escritos como o de Vitor Hugo, de outros autores que escrevem na revista e, sobretudo, de boa parte das elites masculinas mato-grossense que entendiam que o papel feminino deveria ser exclusivamente o de filha, esposa e mãe.

O fato é de que esses discursos se apresentam relacionados entre si e aos objetivos do Grêmio Literário e da Revista que é o “*desenvolvimento intelectual da mulher matogrossense*”<sup>22</sup>, essa relação de ambigüidade, é que nos faz pensar qual seria o efetivo projeto de formação de gosto, de audiência e de público leitor da *A Violeta*.

Deste modo, pensamos que projeto da revista não seja uniforme, à medida que ele vai se costurando e se constituindo em vários espaços de configuração, sendo, portanto estratégias que mantiveram a ação de *A Violeta* em uma direção conciliadora.

Ainda sobre a publicação dos mais diversos tipos de textos destacam-se as produções de autores mato-grossenses, “*ilustres filhos da terra*” tais como D. Francisco de Aquino Corrêa (1885-1956), que foi arcebispo da igreja católica em Cuiabá, presidente do Estado entre 1918 e 1922 e primeiro mato-grossense a se tornar membro da Academia Brasileira de Letras em 1929. Publicou em *A Violeta* quase que todos os seus discursos

<sup>21</sup> A Violeta. Cuiabá. dezembro de 1941.p. 05; 20 - 21

<sup>22</sup> Os objetivos do Grêmio Literário Júlia Lopes. A Violeta, Cuiabá. abril de 1918. p.9

retórico-religiosos e políticos, depois transformados em livro além de poesias e de artigos de orientação para as famílias como:

*O PÁTRIO PODER*  
D. Francisco de Aquino Corrêa

*“Ó pais e mais, afastais para longe de vós, tamanhas desgraças: Compenetrai-vos de que vos casastes para bem criades os filhos tudo o mais é aí secundário. Se vossos filhos forem maus, o vosso casamento terá sido uma calamidade, não só doméstica, que também social. Mas se derdes filhos dignos à Igreja e à Pátria, tereis feito jus à mais rica das estátuas, ou melhor, os vossos próprios filhos serão outras tantas estátuas, vivas e gloriosas, a proclamarem, diante de Deus e dos homens, as vossas benemerências.*

*É o caso de repetirmos aqui com o príncipe dos oradores romanos: <<Que maior ou melhor serviço podemos prestar à República do que ensinar e educar a juventude?>>*

*(...)<< Os filhos, diz o sumo filósofo S. Tomás de Aquino, são naturalmente alguma coisa dos pais>>”<sup>23</sup>*

Também podemos destacar os escritos de José de Mesquita (1891-1961), Jurista, historiador, poeta, genealogista e cronista, foi um dos fundadores do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, em 1919, e da Academia Mato-grossense de Letras, em 1921, da qual foi Presidente, desde a sua fundação até o seu falecimento em 1961.

Mesquita teve marcante participação nas páginas da *A Violeta*, publicou inúmeras poesias a maioria de cunho regionalista como Os descobridores, mas também emitiu suas representações sobre o feminino na coletânea de poesias “*Folhas de Álbum*” onde era sempre dedicada em nome de uma senhora da sociedade mato-grossense:

#### ***Os descobridores***

*“Vinhã de muito longe aqueles sertanistas, rompendo a selva espessa, a solidão bravia, vale aberto em maneis, serra ouriçada em cristas, rios e igarapés, sem descansar um dia.*

*Vinhã de muito alem, a cata de conquistas de índios e do ouro bom, que nesta terra havia, em destemido, o bando heróico e paulistas, palmo a palmo, o sertão perigoso corria...*

*Tras dos coxiponés e do ouro e dos diamantes depois de muito esforço e lida foram dar a Cuiabá, e ali, os bravos bandeirantes ergueram o arraial entres as veredas colinas sendo governador o conde de Assumar, capital geral de S. Paulo e das Minas”<sup>24</sup>.*

*José de Mesquita*

*Folhas de Álbum*  
*José de Mesquita*  
*(No álbum de D. Maria Fischer Leite)*

<sup>23</sup> O PÁTRIO PODER. A Violeta. Cuiabá. outubro de 1941.p. 03

<sup>24</sup> A Violeta. Cuiabá. abril de 1942.p. 15.

*“A alma da Mulher tem duas asas  
Que elevam alto, junto à Divindade.  
É com elas que, em surto, aos céus se ergue  
Num revoar de espiritualidade.  
Uma é o Afeto que vota ao Esposo, aos filhos.  
Outra a dedicação à Humanidade  
Só as almas eleitas as possuem:  
Chama-se aquela, - Amor; esta, - Bondade”<sup>25</sup>*

Assim como nos exemplos acima, as poesias, poemas, crônicas e artigos publicadas por esses, e outros, autores tiveram as mais diversas inspirações como o regionalismo, o amor à pátria e, sobretudo, a idealização da mulher e seu efetivo papel na família. Possivelmente a edição de tal produção literária pela revista pode ter uma relação não apenas com os temas, mas com os autores, nos revelando assim uma possível estratégia conciliadora entre as mais diversas opiniões sobre o papel da mulher na sociedade.

O fato é que a influência do Grêmio Júlia Lopes e de *A Violeta* na sociedade letrada (ou letranda) de Cuiabá e de Mato Grosso espalhou em muitos sentidos os objetivos a que se dispuseram seus colaboradores e associadas. O Grêmio não só registrou como fomentou muito da vida cultural cuiabana e no Estado promovendo ações e eventos culturais.

Por fim, em meio a um processo de modernização que vinha sendo implementado em Mato Grosso, *A Violeta* através de suas páginas faziam circular as mais variadas informações, constituindo-se como um palco privilegiado onde as pessoas projetavam sua visão de mundo, suas opiniões e soluções para os mais diversos problemas da sociedade.

O periódico através de suas poesias, notícias, artigos e crônicas, refletiu, entre outros assuntos, sobre o casamento, a educação feminina, a maternidade e a família, informando e formando não somente as mulheres como também os homens sobre os papéis sociais que deveriam ser seguidos, se tornando como uma rica fonte sobre o imaginário social da época.

---

<sup>25</sup> Folhas de Álbum. *A Violeta*. Cuiabá. dezembro de 1944.p. 11